

Debord, a política, a comunicação e a vida cotidiana: a questão do poder

[Debord, politics, communication, and everyday life: the question of power]

REVISTA
com **política**

revista compolítica

2022, 12(3)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2022.12.578

Cláudio Novaes Pinto Coelho

Núcleo de Estudos Críticos da Contemporaneidade (NECC)
[Center for Critical Studies of Contemporaneity]

Vera Chaia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
[Pontifical Catholic University of São Paulo]

Resumo

O objetivo principal do artigo é desenvolver uma reflexão sobre a atualidade do pensamento de Guy Debord, em especial dos seus conceitos sobre as relações de poder na sociedade do espetáculo. Tendo em vista este objetivo, pretende-se trabalhar como ele entende a relação entre política, comunicação e a vida cotidiana. Será realizada uma análise comparativa do livro “A Sociedade do Espetáculo”, publicado em 1967, com o texto “Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo”, publicado em 1988. Além disso, será estabelecido também um confronto entre os conceitos de poder deste autor com os conceitos de Foucault e Baudrillard. O argumento central do trabalho é o de que os conceitos de poder de Debord podem contribuir de maneira significativa para a compreensão de aspectos fundamentais da situação política contemporânea.

Palavras-chave: *poder; sociedade do espetáculo; comunicação; política contemporânea.*

Abstract

The main purpose of the paper is to develop a reflection on the actuality of Guy Debord's thought, especially on his concepts about power relations in the society of the spectacle. With this objective in mind, we intend to work on how he understands the relationship between politics, communication and everyday life. A comparative analysis of the book “The Society of the Spectacle”, published in 1967, with the text “Comments On the Society of the Spectacle”, published in 1988, will be carried out. In addition, a confrontation between the concepts of power of this author with the concepts of Foucault and Baudrillard.

Keywords: *power; society of the spectacle; communication; contemporary politics.*

Debord, a política, a comunicação e a vida cotidiana: a questão do poder

Cláudio Novaes Pinto COELHO
Vera CHAIA

O artigo é parte de uma pesquisa de pós-doutoramento que teve por objeto as relações entre política e comunicação em Debord, tendo por objetivo desenvolver uma reflexão sobre a possibilidade de o seu pensamento servir para a compreensão da contemporaneidade. O aspecto central do artigo é o desenvolvimento de reflexões sobre a questão do poder.

Pretende-se argumentar favoravelmente à possibilidade do pensamento de Debord, em especial do seu conceito de poder espetacular integrado, contribuir de maneira significativa para a compreensão de aspectos fundamentais da situação política contemporânea, marcada pelo fortalecimento simultâneo do poder do Estado e do poder das grandes empresas capitalistas. Sendo assim, faz parte dos objetivos do artigo colaborar para o reconhecimento de que Debord não é apenas o autor de uma teoria sobre a sociedade do espetáculo, tendo desenvolvido também uma teoria a respeito das relações de poder, cujos aspectos principais serão objeto de reflexão neste trabalho.

Neste sentido, o artigo vai dialogar, de maneira crítica, com interpretações como as desenvolvidas por Francisco Rüdiger (2007), que questionam o conceito de poder espetacular integrado desenvolvido por Debord. Para Rüdiger este conceito foi desenvolvido em um momento em que o pensamento de Debord assumiu características regressivas, se comparado com o livro *A sociedade do espetáculo*:

Debord saiu dos anos 1970 com uma teoria da conspiração, em lugar de uma teoria crítica. (...) Debord regride teoricamente diante do avanço social das forças do mercado, sinalizando intelectualmente a crise do movimento esquerdista diante das novas realidades criadas pelo capitalismo (RÜDIGER, 2007, p. 163).

O argumento do artigo está em sintonia com a visão, por exemplo, de Douglas Kellner, que, em texto sobre Donald Trump e a política do espetáculo, afirma que:

Vivemos agora em uma era, onde o espetáculo mediado digitalmente contribuiu para que o populista autoritário direitista Donald Trump se tornasse presidente dos Estados Unidos, e o conceito de espetáculo de Debord é agora mais relevante do que nunca

para interpretar a cultura, a sociedade e a política contemporâneas (KELNNER, 2017, p1)¹.

Tendo em vista uma possível proximidade entre o conceito de poder espetacular integrado de Debord e aspectos do pensamento de Jean Baudrillard, será desenvolvida uma análise comparativa entre as visões destes autores sobre o poder na sociedade contemporânea. Celso Frederico (2010 a) argumenta que o conceito de simulacro de Baudrillard é uma apropriação do conceito de espetáculo de Debord, que esvaziou a dimensão crítica deste conceito. Através de um diálogo com o argumento de Frederico, será desenvolvida uma reflexão sobre possíveis aproximações e distanciamentos dos pensamentos destes autores, e sobre a relevância das suas visões sobre o poder para a compreensão da situação política contemporânea.

Na medida em que estamos vivendo, pelo menos desde 2008, uma situação de crise em escala mundial da sociedade capitalista, agravada pela pandemia do novo coronavírus, considera-se relevante, dentro do objetivo de refletir sobre a atualidade do pensamento de Debord, trabalhar a relação entre política, comunicação e vida cotidiana no pensamento do autor; particularmente no que diz respeito à relação entre vida cotidiana, transformação revolucionária e exercício do poder na sociedade do espetáculo. Ou seja, a crise da sociedade capitalista coloca na ordem do dia a necessidade de reflexões sobre possíveis alternativas.

Michel Foucault é um autor que também investiga as relações entre poder e vida cotidiana, tendo por propósito a compreensão da sociedade contemporânea. Ele é uma referência importante para autores como Dardot e Laval (2016 e 2017), que utilizam o seu pensamento para uma crítica da sociedade contemporânea, e para uma formulação de alternativas à sociedade capitalista. A concepção foucaultiana do poder exerce forte influência em movimentos sociais contemporâneos, marcados pela política identitária, voltados para questões de gênero, raça e sexualidade. Sendo assim, será desenvolvida uma análise comparativa entre esse pensador e a visão de Debord, no que diz respeito às relações entre poder, comunicação e vida cotidiana.

¹ We now live in an era, where the digitally mediated spectacle has contributed to right-wing authoritarian populist Donald Trump becoming US president, and Debord's concept of spectacle is now more relevant than ever to interpreting contemporary culture, society, and politics (KELLNER, 2017, p.1).

Diálogo e Revolução em Debord

O ponto de partida do artigo é o contraponto estabelecido por Debord entre a comunicação dialógica e a comunicação não dialógica. Este contraponto é essencial para a compreensão da visão do autor sobre a sociedade contemporânea, marcada, segundo ele, pelo exercício do poder espetacular integrado, e pelo domínio da comunicação não dialógica. Para ele, há, na contemporaneidade, a presença de elementos do totalitarismo, como o esvaziamento da comunicação dialógica. Uma efetiva superação do poder espetacular integrado que, de acordo com Debord, se constitui como uma combinação de aspectos democráticos e de aspectos ditatoriais implicaria na valorização da comunicação dialógica.

O contraponto, presente em Debord, entre comunicação dialógica e comunicação não dialógica também é trabalhado por Celso Frederico:

A ideia de uma *comunicação direta* ou *diálogo* acompanha o pensamento de Debord tanto na reflexão sobre a arte feita pelas vanguardas, que queriam ver a arte reconciliada com a vida cotidiana (deixando assim de ser uma esfera separada), como também na política, através da ação direta perseguida pelos conselhos operários.

O que Debord entende por comunicação/diálogo opõe-se às mensagens divulgadas pela mídia (FREDERICO, 2010 b, p. 235).

Quer seja em textos assinados por ele, quer em textos assinados pela Internacional Situacionista (movimento do qual fazia parte), há, portanto, em Debord, uma valorização do diálogo. Por exemplo, no manifesto situacionista publicado em junho de 1960, há uma crítica da separação entre a arte e a vida, e entre artistas e não artistas. A cultura situacionista seria uma cultura do diálogo e da participação, em oposição a uma comunicação unilateral que esvazia as experiências concretas:

Contra a arte unilateral, a cultura situacionista será a arte do diálogo, arte da interação. Os artistas - tanto quanto toda a cultura visível - acabaram ficando inteiramente separados da sociedade, como separados estão entre si pela concorrência. Mas mesmo antes desse impasse do capitalismo, a arte era essencialmente unilateral, sem resposta. Ela vai superar essa era oclusa de seu primitivismo por meio da comunicação completa (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003, p. 127).

De acordo com argumentos presentes no livro de 1967, *A Sociedade do Espetáculo*, o diálogo e a participação se contrapõem à comunicação como é praticada no contexto da sociedade do espetáculo, em que as diferentes práticas comunicacionais são formas particulares desta sociedade:

Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou o consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha (DEBORD, 1997, p.14-15)

Se há, para Debord, um vínculo entre a dimensão econômica e as práticas comunicacionais na sociedade do espetáculo, o caráter não dialógico da comunicação espetacular também possui uma dimensão política, o que é coerente com a postura de Debord de oferecer uma visão articulada da sociedade capitalista como um todo, e de defender uma transformação revolucionária da sociedade como um todo, com ênfase em transformações que atinjam a vida cotidiana, inclusive as práticas artísticas e os processos de trabalho.

Em vários momentos do livro de 1967, em especial no Capítulo IV, intitulado *O Proletariado como Sujeito e como Representação*, existe a defesa dos conselhos operários como a concretização de uma transformação revolucionária da sociedade capitalista, e o estabelecimento de vínculos entre esses conselhos e a prática do diálogo. De acordo com Debord, os conselhos operários são:

o lugar onde os problemas da revolução do proletariado podem encontrar sua verdadeira solução. É o lugar onde as condições objetivas da consciência histórica estão reunidas; a realização da comunicação direta ativa, na qual terminam a especialização, a hierarquia e a separação, na qual as condições existentes foram transformadas “em condições de unidade”. Aqui o sujeito proletário pode emergir de sua luta contra a contemplação; sua consciência é igual à organização prática que ela mesma se propôs, porque essa consciência é inseparável da intervenção coerente na história (1997, p.83)

Para os situacionistas, o principal objetivo da transformação revolucionária é o fim da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, que é a base para a existência de sociedades divididas em classes sociais antagônicas. Na sociedade pós-capitalista não deverá existir mais uma separação entre a dimensão artística, com a sua valorização do lúdico e da criatividade, e os processos de trabalho industriais. Segundo Debord, em artigo publicado por ele na revista da *Internacional Situacionista*: “A produção central de um trabalho industrial inteiramente reconvertido provocará o arranjo de novas

configurações da vida cotidiana, a criação livre de acontecimentos” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003, p. 152)

O poder espetacular difuso

A transformação revolucionária da vida cotidiana depende de uma luta contra as formas de dominação social que ali se fazem presentes e que foram caracterizadas por Debord como sendo uma forma específica de poder: o poder espetacular difuso. Esta forma de poder se diferencia do poder espetacular concentrado, que diz respeito ao exercício do poder pelo Estado. Estas formas de poder foram trabalhadas por Debord no livro de 1967.

O poder espetacular difuso diz respeito ao papel central ocupado pela produção e consumo de mercadorias na vida cotidiana das sociedades capitalistas desenvolvidas. É o poder exercido pelas empresas capitalistas e vinculado às práticas comunicacionais que produzem o espetáculo:

O espetacular difuso acompanha a abundância de mercadorias, o desenvolvimento não perturbado do capitalismo moderno. No caso, cada mercadoria considerada separadamente é justificada em nome da grandeza da produção da totalidade dos objetos, cujo espetáculo é um catálogo apologético (DEBORD, 1997, p.43).

O lugar central ocupado pela produção e pelo consumo de mercadorias na vida cotidiana é o resultado de um processo de expropriação pela burguesia do uso do tempo e do espaço. A mercantilização do tempo promovida pelas empresas capitalistas inviabiliza a possibilidade de os indivíduos controlarem o uso do tempo:

O tempo que tem a sua base na produção de mercadorias é ele próprio uma mercadoria consumível, que reúne tudo o que anteriormente se havia diferenciado, durante a fase de dissolução da velha sociedade unitária, como vida privada, vida econômica, vida política. Todo o tempo consumível da sociedade moderna vem a ser tratado como matéria-prima de novos produtos diversificados que se impõem no mercado como empregos socialmente organizados do tempo (DEBORD, 1997, p. 104 e 105).

O exercício do poder espetacular difuso caracteriza-se também pela apropriação pelas empresas capitalistas do uso do espaço. Todas as dimensões da vida cotidiana são marcadas pelo esvaziamento do que é qualitativo, substituído pelo quantitativo, pelo homogêneo, pela padronização:

A produção capitalista unificou o espaço, que já não é limitado por sociedades externas. Essa unificação é ao mesmo tempo um processo extensivo e intensivo de *banalização*. A acumulação das mercadorias produzidas em série para o espaço abstrato do mercado, assim como devia romper as barreiras regionais e legais e todas as restrições corporativas da Idade Média que mantinham a *qualidade* da produção artesanal, devia também dissolver a autonomia e a qualidade dos lugares. Essa força de homogeneização é a artilharia pesada que fez cair todas as muralhas da China (DEBORD, 1997, p.111).

Na sociedade capitalista do espetáculo, os indivíduos não podem dispor livremente do seu tempo, que precisa estar marcado pela produção e consumo das mercadorias; da mesma forma que o espaço deve ser ocupado também por atividades vinculadas a esta produção e consumo. Trata-se, segundo Debord, da principal forma de exercício de poder, pois incide diretamente sobre a vida cotidiana. Em texto anterior ao livro *A Sociedade do Espetáculo*, publicado na revista da Internacional Situacionista em 1961, ele já defendia a necessidade de uma crítica da vida cotidiana como indispensável para a transformação revolucionária da sociedade:

A vida cotidiana não criticada significa o prolongamento das formas atuais, profundamente deterioradas, da cultura e da política, formas cuja gravíssima crise, sobretudo nos países mais modernos, se traduz pela despolitização e pelo neanalfabetismo generalizados. Em compensação, a crítica radical, e por atos, da vida cotidiana existente pode levar a uma superação da cultura e da política no sentido tradicional, isto é, a um nível superior de participação na vida (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003, p. 145)

Foucault e a microfísica do poder

Se os situacionistas, desde o final da década de 1950, defendiam a necessidade de transformação revolucionária da vida cotidiana, e o enfrentamento das formas de dominação ali presentes; na década de 1970, Michel Foucault desenvolveu uma teoria sobre a dimensão microfísica do poder, questionando que o Estado seja o principal lugar social da sua manifestação:

De modo que, se quisermos apreender os mecanismos de poder em sua complexidade e detalhe, não poderemos nos ater unicamente à análise dos aparelhos de Estado. (...) De fato, o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder e, por isso, veicula o poder. O poder não tem por função única reproduzir as relações de produção. As redes da dominação e os circuitos da exploração se recobrem, se apoiam e interferem uns nos outros, mas não coincidem (FOUCAULT, 1979, p.160).

Como o conceito de poder espetacular difuso diz respeito justamente a um exercício de poder que não está vinculado ao aparelho de Estado, foco do conceito de poder espetacular concentrado, dizendo respeito à vida cotidiana, vale a pena uma análise comparativa da visão de Debord com a perspectiva de Foucault, a respeito das relações entre o poder e a vida cotidiana.

A primeira diferença significativa entre os autores diz respeito ao período histórico analisado por ambos: Debord está refletindo sobre o capitalismo do século XX, quando, para ele, a produção e o consumo de espetáculos passou a ocupar socialmente um lugar central, dando origem a formas específicas de poder; por sua vez, Foucault, está teorizando sobre a transição feudalismo/capitalismo, chamando a atenção para uma nova forma de poder que teria se constituído nesta transição: o surgimento de uma forma de poder que não é baseada na soberania, que diz respeito ao direito, mas sim na disciplina, que diz respeito às práticas existentes na vida cotidiana.

Segundo Foucault: “A teoria do direito, da Idade Média em diante, tem essencialmente o papel de fixar a legitimidade do poder; isto é, o problema maior em torno do qual se organiza toda a teoria do direito é o da soberania” (1979, p.181). Ainda de acordo com esse autor:

Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que podem se exercer na sociedade. Portanto, não o rei em sua posição central, mas os súditos em suas relações recíprocas; não a soberania em seu edifício único, mas as múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social (FOUCAULT, 1979, p.181).

Por outro lado, a concepção de Foucault de que o caráter principal da dominação não é o domínio de um grupo sobre outro, e de que todos somos titulares de algum tipo de poder, aponta para uma fragmentação do que seria o poder. Tendo em vista estes argumentos, pode-se perceber os vínculos entre o pensamento de Foucault e as lutas identitárias, que defendem o empoderamento de grupos sociais oprimidos, ao invés de postularem o fim das relações de dominação.

Esta concepção não encontra suporte no entendimento de Debord, que vai situar os indivíduos como sendo expropriados da possibilidade de exercerem controle sobre as suas vidas pelo exercício do poder das empresas capitalistas, conseqüentemente da classe burguesa, na vida cotidiana. A noção foucaultiana de que o poder se exerce em rede é coerente com uma noção de que o poder é fragmentado: “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só

funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede” (FOUCAULT, 1979, p.183).

Foucault, em *Vigiar e Punir*, reconhece a existência de vínculos entre o exercício de poder e produção de espetáculo, mas afirma que estas relações dizem respeito ao exercício do poder soberano, não existindo mais na microfísica do poder, presente no que ele define como sociedade disciplinar:

Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância (...). Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens (FOUCAULT, 1977, p.190).

Em Debord, a existência dos vínculos entre poder e espetáculo não se extinguem com o desenvolvimento da sociedade capitalista, mas assumem novas formas: o poder difuso e o concentrado. Foucault não reconhece o papel da produção de espetáculos na vida cotidiana do capitalismo, já que o seu foco não são as relações mercantis, que é o que distingue, em uma perspectiva marxista, a sociedade capitalista.

De acordo com Martin Jay (1994), Foucault e Debord compartilham uma concepção negativa sobre o sentido humano da visão. Para ambos, haveria um vínculo entre o olhar e as práticas de dominação. No entanto, para Foucault, a transição feudalismo/capitalismo significou uma fragmentação da relação entre olhar e dominação, presente agora no interior de todas as instituições sociais; enquanto, para Debord, esta fragmentação não existe.

Para este, até a década de 1970, coexistiam duas formas de poder: o poder espetacular concentrado, com uma prática de dominação marcada pelo olhar do Estado sobre a sociedade, e o poder difuso, marcado pelo olhar das empresas capitalistas sobre a vida cotidiana da sociedade como um todo. A vigilância exercida pelas empresas tem por finalidade direcionar o olhar da sociedade para as mercadorias, mediante a construção de representações (imagens) espetaculares. A partir da década de 1980, segundo Debord, houve a fusão destas duas formas de poder, com o poder espetacular integrado, que está presente mundialmente: o olhar do Estado e o olhar das empresas são cada vez mais fortes, atuando em conjunto.

A dificuldade para o pensamento de Foucault realizar uma crítica de aspectos essenciais da sociedade capitalista é reconhecida por Laval, um autor que é identificado com este pensamento. Para Laval:

Uma das ausências mais observadas nas análises foucaultianas diz respeito à crescente desigualdade entre as classes sociais, fenômeno que se converteu em um dos principais argumentos da crítica do neoliberalismo (LAVAL, 2020, pos. 2310 e 2312)².

Debord estabelece um vínculo direto entre o poder e a dominação de classe: há uma relação, que se desenvolve historicamente em várias formações sociais, entre a existência da divisão social do trabalho, das classes sociais, do exercício do poder e da produção de espetáculos. No caso da sociedade capitalista, as duas formas de poder analisadas por ele são sempre formas de exercício de poder pela classe dominante.

O poder espetacular difuso é o poder da burguesia na vida cotidiana, mediante a produção e o consumo de mercadorias e de imagens em larga escala. No caso do poder espetacular concentrado, a burocracia, que controla a produção econômica e a produção do espetáculo, é igualmente considerada como uma classe social dominante. A forma típica do poder espetacular concentrado ocorre nas sociedades onde se faz presente o capitalismo burocrático: “De fato, a propriedade está concentrada, no sentido em que o burocrata individual só tem relação com a posse da economia global por intermédio da comunidade burocrática, como membro dessa comunidade” (DEBORD, 1997, p.42).

Já para Foucault, o poder possui uma dimensão microfísica, é descentralizado, inseparável da existência de técnicas de dominação específicas, e autônomo frente à dominação de classe. As relações de poder disseminadas socialmente no interior das diferentes instituições sociais podem ou não serem utilizadas pela classe dominante e colocadas a serviço da exploração econômica e do exercício de poder do aparelho de Estado:

Creio que é possível deduzir qualquer coisa do fenômeno geral da dominação da classe burguesa. O que faço é o inverso: examinar historicamente, partindo de baixo, a maneira como os mecanismos de controle puderam funcionar; por exemplo, quanto à exclusão da loucura ou à repressão e proibição da sexualidade, ver como, ao nível efetivo da família, da vizinhança, das células ou níveis mais elementares da sociedade, esses fenômenos de repressão ou exclusão se dotaram de instrumentos próprios de uma lógica própria, responderam a determinadas necessidades; mostrar

² Una de las ausencias más observadas en los análisis foucaultianos se refiere a la creciente desigualdad entre las clases sociales, fenómeno que se ha convertido en uno de los principales argumentos de la crítica al neoliberalismo (LAVAL, 2020, pos. 2310 y 2312)

quais foram seu agentes, sem procurá-los na burguesia em geral e sim nos agentes reais (que podem ser a família, a vizinhança, os pais, os médicos, etc.) e como estes mecanismos de poder, em dado momento, em uma conjuntura precisa e por meio de um determinado número de transformações começaram a se tornar economicamente vantajosos e politicamente úteis (FOUCAULT, 1979, p.185).

Foucault separa o econômico do político e do ideológico. Na verdade, há, neste autor, um abandono da temática da ideologia; no que diz respeito à análise da dimensão microfísica do poder:

Houve provavelmente, por exemplo, uma ideologia da educação; uma ideologia do poder monárquico, uma ideologia da democracia parlamentar, etc.; mas não creio que aquilo que se forma na base sejam ideologias; é muito menos e muito mais do que isso. São instrumentos reais de formação e de acumulação do saber; métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de inquérito e de pesquisa, aparelhos de verificação. Tudo isto significa que o poder, para exercer-se nestes mecanismos sutis, é obrigado a formar, organizar e por em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são construções ideológicas (FOUCAULT, 1979, p.186).

Não é possível não estabelecer relações entre a visão de Foucault sobre o poder, que o concebe de maneira fragmentada, disseminado no interior das diferentes instituições sociais, sendo dotado, deste modo, de técnicas específicas, produzindo saberes distintos, com objetivos estratégicos próprios, do período posterior ao maio de 1968, particularmente no contexto francês, quando houve uma fragmentação das lutas sociais, não mais focadas exclusivamente em um combate direto à dominação de classes, mas sim contra as múltiplas relações de dominação que aconteceriam na vida cotidiana:

Só se pode começar a fazer este trabalho depois de 1968, isto é, a partir das lutas cotidianas e realizadas na base com aqueles que tinham que se debater nas malhas mais finais da rede de poder. Foi aí que apareceu a concretude do poder e ao mesmo tempo a fecundidade possível destas análises do poder, que tinham como objetivo dar conta destas coisas que até então tinham ficado à margem do campo da análise política (FOUCAULT, 1979, p.6).

Ao contrário de Foucault, Debord continuou a defender a centralidade da luta de classes e o caráter proletário da revolução. Segundo ele, em texto de 1979, a Itália seria o país que mais se aproximava desta possibilidade de uma revolução proletária, presente nos conflitos de 1968, e antecipada, segundo ele, no livro *A Sociedade do Espetáculo*, de 1967:

Foi nas fábricas italianas que este livro encontrou, por enquanto, seus melhores leitores. Na prática, os operários da Itália – que hoje podem ser mostrados a seus companheiros de todos os países como um exemplo, por seu absenteísmo, pelas greves selvagens que nenhuma concessão parcial interrompe, pela lúcida recusa do trabalho, pelo desprezo da lei e de todos os partidos estatistas – conhecem muito bem o assunto porque souberam tirar proveito das teses de *A Sociedade do Espetáculo*, mesmo quando lidas em mediócras traduções (DEBORD, 1997, p.148 e p.149)

A comparação entre as visões de Foucault e de Debord, aqui esboçada, particularmente no que diz respeito às concepções de poder, pretende ser uma colaboração para o entendimento do debate contemporâneo, mas que tem uma origem histórica nas décadas de 1960 e 1970, se é a luta de classes ou as lutas identitárias que devem ser consideradas as lutas centrais dentro do questionamento da sociedade capitalista e da construção de alternativas a esta sociedade.

Como será discutido adiante, em 1988 o diagnóstico de Debord sobre os movimentos contrários à sociedade do espetáculo se alterou radicalmente, com a constatação do seu esvaziamento diante da expansão da sociedade do espetáculo. No texto de 1988, as referências à revolução proletária desaparecem, sendo o foco das reflexões de Debord a existência de uma nova forma de poder: o poder espetacular integrado. Tema do próximo item, quando será desenvolvida a comparação do pensamento de Debord com as concepções de Baudrillard.

O poder espetacular integrado e o simulacro segundo Baudrillard

O conceito do poder espetacular integrado surge no texto que Debord escreveu cerca de vinte anos após a publicação do seu livro sobre a sociedade do espetáculo. A discussão do conceito de poder espetacular integrado leva necessariamente a uma comparação entre o pensamento de Debord e o de Baudrillard, tendo em vista as possíveis relações entre os conceitos de espetáculo e de simulacro. Algumas questões chamam imediatamente atenção: a integração entre as representações espetaculares e a realidade, presente no conceito de poder espetacular integrado e no conceito de simulacro de Baudrillard, e o esvaziamento do conhecimento histórico e do pensamento lógico, enfatizado por ambos os autores.

Debord, no texto dos Comentários sobre a sociedade do espetáculo, argumenta que a principal característica desta forma de exercício do poder é a integração entre o espetáculo e a realidade:

Porque o sentido final do espetacular integrado é o fato de ele ter se integrado na própria realidade à medida que falava dela e tê-la reconstruído ao falar sobre ela. Agora essa realidade não aparece diante dele como coisa estranha (DEBORD, 1997, p.173).

Sem dúvida, este posicionamento pode ser aproximado da visão de Baudrillard, para ele existe, na contemporaneidade, uma produção de simulacros, fruto de um processo de simulação, gerando uma incapacidade de distinção entre o real e a sua representação:

Assim é a simulação, naquilo que se opõe à representação. Esta parte do princípio de equivalência do signo e do real (mesmo se esta equivalência é utópica, é um axioma fundamental). A simulação parte, ao contrário, da utopia, do princípio de equivalência, parte da negação radical do signo como valor, parte do signo como reversão e aniquilamento de toda a referência. Enquanto a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro (BAUDRILLARD, 1991, p.13).

No argumento de Debord está presente o entendimento de que existem dois momentos na relação entre o real e a sua representação: no primeiro momento, anterior à existência do poder espetacular integrado, a representação construída pelo poder espetacular aparece como uma coisa estranha; no momento posterior, o do poder espetacular integrado, não há mais uma distinção entre a representação construída pelo poder espetacular e a própria realidade.

O primeiro ponto, em que é necessário o reconhecimento de uma diferença entre os autores em questão, é que Baudrillard associa a produção de simulacros com a transformação do próprio exercício do poder em um simulacro, algo esvaziado de sentido, sem referente; enquanto Debord defende que se trata da forma contemporânea do exercício da dominação social.

Para ele, pensador vinculado à dialética e ao materialismo histórico, há uma primazia do real (material) sobre o simbólico. Para ele, a possibilidade de autonomização do simbólico, o descolamento entre experiência e representação que o espetáculo promove, impede a presença da consciência histórica:

Os pseudoacontecimentos que se sucedem na dramatização espetacular não foram vividos por aqueles que lhes assistem; além disso, perdem-se na inflação de sua substituição precipitada, a cada pulsão do mecanismo espetacular (DEBORD, 1997, p. 107).

O exercício da dominação é inseparável do esvaziamento da consciência histórica:

O primeiro intuito da dominação espetacular era fazer sumir o conhecimento histórico geral; e, em primeiro lugar, quase todas as informações e todos os comentários razoáveis sobre o passado recente. O espetáculo organiza com habilidade a ignorância do que acontece e, logo a seguir, o esquecimento do que, apesar de tudo, conseguiu ser conhecido. O mais importante é o mais oculto (DEBORD, 1997, p. 176-177).

No poder espetacular integrado, que é síntese das formas anteriormente existentes de poder, a forma concentrada e a forma difusa, estão presentes elementos do poder espetacular concentrado, típicos de regimes ditatoriais. O desaparecimento do conhecimento histórico equivale ao desaparecimento da democracia: “Pensava-se que a história aparecera, na Grécia, com a democracia. Pode-se verificar que ela desaparece do mundo com esta” (DEBORD, 1997, p. 182).

Baudrillard, ao contrário de um fortalecimento do poder, defende que estamos vivendo a sua desagregação. Para ele, a desagregação do poder é inseparável da tentativa moderna de constituição de um poder político em substituição ao poder simbólico presente nas sociedades pré-capitalistas. Há uma superioridade ontológica das sociedades pré-capitalistas (tradicionais) diante das sociedades modernas (capitalistas):

Houve um tempo em que o poder aceitava sacrificar-se segundo as regras desse jogo simbólico, ao qual não pode escapar. Um tempo em que o poder era a qualidade efêmera e mortal do que deve ser sacrificado. Desde que procurou escapar a esta regra, isto é, deixar de ser um poder *simbólico* para tornar-se um poder *político* e uma estratégia de dominação social, o desafio simbólico não deixou de assombrar o poder na sua definição política, de desfazer a verdade do político. Hoje sob o impacto deste desafio toda a substância do poder desmorona (...) (BAUDRILLARD, 1984, p.84).

Para Debord, não há diferenciação entre o simbólico e o político. O poder surge simultaneamente com o espetáculo. Para ele, como já visto, o espetáculo é inseparável do exercício da dominação social em todas as sociedades onde existem diferenças de classe, servindo como um instrumento para a manutenção desta dominação. O fortalecimento da produção de espetáculos, presente de acordo com Debord na sociedade contemporânea, significa o fortalecimento do exercício do poder pela classe dominante:

O governo do espetáculo, que no presente momento detém todos os meios para falsificar o conjunto da produção tanto quanto da percepção, é senhor absoluto das lembranças, assim como é senhor incontrolado dos projetos que modelam o mais longínquo futuro. Ele reina sozinho por toda parte e *executa seus juízos sumários* (DEBORD, 1997, p. 174).

Baudrillard pensa de modo exatamente oposto ao de Debord. Para ele, o espetáculo corresponderia ao desejo das massas que resistem ao conteúdo:

Seja qual for seu conteúdo, político, pedagógico, cultural, seu propósito sempre é filtrar um sentido, manter as massas *sob o sentido*. (...) As massas resistem escandalosamente a esse imperativo da comunicação racional. O que lhes dá é sentido e elas querem espetáculo. (...) Uma vez mais, não se trata de mistificação; trata-se de sua exigência própria, de uma contra estratégia expressa e positiva – trabalho de absorção e de aniquilamento da cultura, do saber, do poder, do social (BAUDRILLARD, 1985, p. 14-15).

A sociedade contemporânea

Para Baudrillard, o que caracteriza a contemporaneidade, para ele fundamentalmente o período histórico posterior ao movimento de maio de 1968 na França, é o fracasso do projeto moderno de dominação social das massas. Para ele, as massas resistem a serem dominadas mediante a absorção de conteúdos (racionais) que direcionariam o seu comportamento, quer no plano do consumo dos bens materiais e simbólicos, quer na participação na vida política. Haveria, assim, uma implosão do poder do Estado e das empresas capitalistas. Enquanto Debord entende que a contemporaneidade é um momento de consolidação da sociedade do espetáculo e, portanto, de fortalecimento do próprio capitalismo, e da dominação da burguesia sobre o Estado e o conjunto da sociedade. Ele argumenta que aconteceu um esvaziamento das forças de oposição à sociedade do espetáculo: “Em toda parte onde reina o espetáculo, as únicas forças organizadas são as que querem o espetáculo” (DEBORD, 1997, p. 183). Estamos vivendo uma ruptura histórica de grandes proporções: “Liquidaram com a inquietante concepção, que predominara por mais de duzentos anos, segundo a qual uma sociedade podia ser criticada e transformada, reformada ou revolucionada” (DEBORD, 1997, p. 183).

Debord postula também a existência de um processo de fusão entre a atuação dos Estados Nacionais e os interesses das grandes corporações capitalistas, e o seu caráter central para a dominação:

A fusão econômico-estatal é a tendência mais manifesta do século XX; ela se tornou o motor do desenvolvimento econômico recente. A aliança – defensiva e ofensiva – firmada entre essas duas forças, a economia e o Estado, garantiu-lhes os maiores ganhos comuns em todos os domínios: pode-se dizer que cada uma das duas possui a outra; é absurdo opor uma à outra, ou fazer uma distinção entre suas razões e desrazões. Essa união também se mostrou muito favorável ao desenvolvimento da dominação espetacular, que, desde sua formação, não era outra coisa (DEBORD, 1997, p.175).

Para Baudrillard, não estamos vivendo uma situação “muito favorável ao desenvolvimento da dominação espetacular”, conforme argumenta Debord; vivemos sim a implosão da sociedade moderna (capitalista) e do exercício do poder político. As massas, segundo ele, recusam serem representadas e a política está reduzida a um processo de simulação:

Inacessível aos esquemas de libertação, de revolução e de historicidade, mas é seu modo de defesa, seu modo de restrição. Modelo de simulação e referente imaginário para uma classe política fantasma que desde já não sabe que espécie de “poder” exerce sobre ela, a massa é ao mesmo tempo a morte, o fim desse processo político que supostamente a governa. Na massa o político se deteriora como vontade e representação (BAUDRILLARD, 1985, p.24).

Por outro lado, ambos compartilham o entendimento de que há na contemporaneidade um esvaziamento do conhecimento histórico. Debord vê o esvaziamento das forças de oposição, o fortalecimento da sociedade capitalista do espetáculo, mas não deixa de enxergar, também, a existência de contradições, já que é um pensador vinculado à dialética; uma contradição apontada por ele é a incapacidade de gerenciamento de longo prazo gerada pelo esvaziamento do conhecimento histórico: “Convém entretanto acrescentar a esta lista das vitórias do poder um resultado, para ele, negativo: um Estado em cuja gestão se instala por muito tempo um grande déficit de conhecimentos históricos já não pode ser conduzido estrategicamente” (DEBORD, 1997, p. 182). Em um outro momento do texto, afirma que o mundo pode caminhar para uma catástrofe:

A constatação de que, pela primeira vez, é possível governar sem ter o mínimo conhecimento artístico nem o senso do autêntico ou do impossível já seria suficiente para conjecturar que todos esses ingênuos palermas da economia e da administração vão provavelmente levar o mundo a uma imensa catástrofe; o que sua prática efetiva já demonstrou (DEBORD, 1997, p. 207).

A este respeito, a diferença entre Debord e Baudrillard parece residir no fato de que para o primeiro a catástrofe ainda não aconteceu, enquanto para o segundo, isto já estaria acontecendo, com o início do processo de implosão. Baudrillard estabelece um contraponto entre sistemas sociais explosivos, como o da modernidade capitalista, e sistemas sociais implosivos, como as sociedades pré-capitalistas e a sociedade contemporânea:

Massas, meios de comunicação e terrorismo, em sua afinidade, triangular, descrevem o processo de implosão hoje dominante. (...) A implosão, para nós e hoje, só pode ser

violenta e catastrófica, porque ela resulta do *fracasso* do sistema de explosão e expansão dirigida que foi o nosso no Ocidente há alguns séculos.

Ora, a implosão não é necessariamente um processo catastrófico. Ela foi, sob uma forma controlada e dirigida, o segredo dominante das sociedades primitivas e tradicionais. Configurações não expansivas, não centrífugas; centrípetas – pluralidades singulares que nunca visam ao universal, centradas num processo cíclico ritual, e que tendem a envolver nesse processo não representativo, sem instância superior, sem polaridade, disjuntivo, sem, entretanto, se arruinar (...) (BAUDRILLARD, 1985, p. 48-49).

Não resta dúvida, como argumenta Frederico (2010 a), que a apropriação do conceito de espetáculo pelo conceito de simulacro significou um esvaziamento da sua dimensão crítica; no entanto, cabe reconhecer a presença de elementos do conceito de simulacro no conceito debordiano de poder espetacular integrado. Mas, isto não significa que seja adequado defender que passou a acontecer uma identificação entre os pensamentos dos dois autores, como entende, por exemplo, Steven Best:

Se nos voltarmos para as reflexões recentes de Debord sobre seu trabalho anterior, para sua própria postura posterior na década de 1980, escrevendo no mesmo clima pessimista do último Baudrillard, encontramos um abandono de sua postura revolucionária anterior, a perda da tensão dialética que caracterizava seu trabalho anterior e a tomada de uma posição muito próxima do derrotismo e niilismo de Baudrillard (BEST, 1994, p.62).³

Se Baudrillard defende que vivemos uma implosão do sentido e um processo de transição para um sistema implosivo, não podemos deixar de reconhecer que as semelhanças entre o seu pensamento e o de Debord são superficiais, limitando-se ao plano da aparência. A distinção estabelecida por Baudrillard entre poder político e poder simbólico, por exemplo, não é pertinente para Debord, que vincula diretamente o simbólico (espetacular) com o poder. Sendo que, no contexto da sociedade capitalista do espetáculo, o poder não se limitaria à dimensão política no sentido mais restrito do termo, ou seja, o Estado. O conceito de poder espetacular difuso foi desenvolvido por ele justamente para dar conta do poder exercido pelas empresas capitalistas, e é da fusão deste poder com o poder do Estado, sob o domínio da lógica empresarial, que se trata o conceito de poder espetacular integrado.

³ If we turn to Debord's recent reflections on his earlier work, to his own later stance in the 1980s, writing in the same pessimistic climate as the later Baudrillard, we find an abandonment of his earlier revolutionary stance, the loss of the dialectical tension characterizing his earlier work, and the taking up of a position far close to Baudrillard's defeatism and nihilism (BEST, 1994, p. 62).

Debord, quando menciona a possibilidade de uma catástrofe, não está analisando um período de transição de um sistema social para outro, conforme pensa Baudrillard, mas sim as dificuldades para o funcionamento do Estado dentro do contexto do capitalismo contemporâneo e do exercício do poder espetacular integrado. No entanto, há uma dificuldade para se perceber, no texto de Debord, como ele entende as possibilidades de transformação que a existência do poder espetacular integrado traz. O que não conseguimos ver nos argumentos desenvolvidos ali é, justamente, a articulação entre a história e as condições de emancipação social. Mencionar a perspectiva de uma catástrofe, vinculada aos problemas para o funcionamento estratégico do Estado, é claramente insuficiente quanto a isto, por mais que a visão de Debord possa ser considerada como uma antecipação da situação atual, marcada pela incompetência dos diferentes governos enfrentarem a pandemia do novo coronavírus.

Talvez esta dificuldade esteja vinculada ao propósito de Debord de não revelar completamente o seu pensamento no texto que está divulgando. Ele explicita, desde o início, o caráter limitado do diálogo que ele promove com os seus leitores. Para ele, conforme argumento presente no texto, a base para o diálogo, o pensamento lógico, está deixando de existir no contexto do poder espetacular integrado e do esvaziamento do conhecimento histórico que ele promove:

Busca-se a dissolução da lógica, de acordo com os interesses fundamentais do novo sistema de dominação, por diferentes meios que sempre se apoiaram reciprocamente nessa ação (DEBORD, 1997, p.187).

O discurso espetacular faz calar, além do que é propriamente secreto, tudo o que não lhe convém. O que ele mostra vem sempre isolado do ambiente, do passado, das intenções, das consequências. É, portanto, totalmente ilógico (DEBORD, 1997, p.188).

A conversação já está quase extinta, e em breve também estarão mortos muitos do que sabiam falar (DEBORD, 1997, p.189).

Considerações finais

Neste artigo, procurou-se desenvolver uma reflexão a respeito da possibilidade de os conceitos de poder de Debord, em especial o conceito de poder espetacular integrado, contribuírem para a compreensão das relações de poder na contemporaneidade, quer seja em termos de uma análise das formas de poder predominantes, quer seja das possibilidades de transformação da sociedade contemporânea. Na medida em que o conceito de poder integrado aponta para uma combinação entre

elementos democráticos e elementos ditatoriais, merece ser considerado uma contribuição significativa para a compreensão da contemporaneidade, marcada, desde o início do século XXI, pela presença de elementos de um estado de exceção em países formalmente democráticos, como o que aconteceu nos EUA com as leis antiterror que surgiram após os atentados de 11 de setembro de 2001. Por outro lado, este mesmo conceito, de poder espetacular integrado, permite a compreensão do poderio crescente das empresas capitalistas, em especial das empresas vinculadas às tecnologias comunicacionais digitais como Microsoft, Google, Apple, Facebook e Amazon, bem como da interpenetração entre poder do Estado e poder empresarial.

A análise feita por Morozov sobre as relações entre o governo norte-americano e as empresas de tecnologia permite um entendimento de como ocorre a integração entre poder estatal e poder empresarial na contemporaneidade:

O sentimento de vitória inabalável que a sociedade civil experimentou, tanto na Europa como nos Estados Unidos, com a derrota do programa Total Information Awareness – um esforço muito anterior para estabelecer um sistema abrangente de vigilância -, revelou-se prematuro. O problema com o Total Information Awareness estava no fato de ser muito grande, muito chamativo, muito dependente da burocracia estatal. Uma década depois, o que recebemos é um sistema bem mais ágil, mais enxuto, mais descentralizado, administrado pelo setor privado e viabilizado por um contrato social entre o Vale do Silício e Washington: enquanto as empresas de tecnologia operam, atualizam e monetizam a infraestrutura digital, a NSA (National Security Agency) desfruta de todo acesso que quiser à tecnologia da informação. Todo mundo se especializa e todo mundo ganha. Eis os Estados Unidos de hoje em seu pleno esplendor: o que não pode ser feito por meio de uma legislação controversa acaba sendo feito mediante privatização, mas com muito menos supervisão e controle público (MOROZOV, 2018, p.120).

Discordamos, portanto, da visão de Rüdiger, de que teria acontecido uma regressão na capacidade de Debord pensar criticamente a sociedade capitalista. Entendemos que ele continua a ser um autor vinculado à teoria crítica, e sua concepção sobre o poder espetacular integrado não pode ser reduzida a uma teoria da conspiração.

Tendo em vista os argumentos sobre o fim do pensamento lógico e a impossibilidade do diálogo, que seriam as bases para o desenvolvimento da consciência proletária, não é de se surpreender que Debord não mencione no texto de 1988 a defesa da revolução proletária e da formação dos conselhos operários, tão fortemente presentes no texto de 1967.

Esta ausência coloca uma questão para a qual não existe uma resposta clara: qual seria, então, o principal combate a ser travado? Como Debord escreve sobre o fim da democracia, e menciona a presença de elementos do poder espetacular concentrado na contemporaneidade, a luta agora seria contra o totalitarismo? Ou nenhuma luta contra a sociedade do espetáculo seria possível antes do advento da catástrofe? Como estamos em meio a uma catástrofe em escala mundial, se Debord estivesse vivo, ele postularia a retomada das perspectivas revolucionárias?

A ausência de resposta a estas indagações confirma que, no texto publicado por Debord em 1988, a perspectiva da transformação revolucionária da sociedade capitalista do espetáculo não está presente, indicando uma diferença extremamente significativa com o livro publicado em 1967. Há uma explicação no texto para essa ausência: o fracasso das lutas sociais a partir do maio de 68 na França.

Como Debord morre no início da década de 1990, sem publicar outro trabalho tão relevante como os Comentários de 1988, não é possível responder se a não possibilidade de uma revolução anticapitalista seria, para ele, temporária ou permanente. Devido ao vínculo de Debord com o marxismo, é possível supor que a impossibilidade seria transitória. Por outro lado, os argumentos presentes no texto, de que com o poder espetacular integrado não há mais distinção entre o espetáculo e a realidade, podem ser interpretados como o fim do projeto revolucionário; o que aproximaria o pensamento de Debord com o pensamento de Baudrillard.

Contudo, como procuramos mostrar neste artigo, a proximidade entre os dois autores é superficial: concordamos com a interpretação de Frederico de que o conceito de simulacro de Baudrillard significa um esvaziamento da dimensão crítica do conceito de espetáculo de Debord; dimensão crítica que está presente nos comentários publicados em 1988. Neste texto continua a estar presente o conceito de poder da classe dominante (burguesia). Apesar da crise de 2008, nada parece indicar um enfraquecimento da dominação burguesa em escala mundial, ainda que possa acontecer um processo de mudança nas formas de exercício deste poder. No entanto, como o que vem acontecendo é um fortalecimento da ação repressiva do Estado, juntamente com o fortalecimento do poder das grandes empresas capitalistas sobre a vida cotidiana como um todo, em especial das empresas que atuam no campo da comunicação, o conceito debordiano do poder espetacular integrado demonstra ser extremamente atual; em especial se comparado com a microfísica do poder proposta por Foucault, que dissolve os vínculos entre a dominação de classe e o exercício do poder.

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, J. *À sombra das maiorias silenciosas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1991.
- BEST, S. The commodification of reality and the reality of commodification: Baudrillard, Debord and postmodern theory. In: Kellner, D. (Ed.). *Baudrillard: a critical reader*. Cambridge: Blackwell Publishers. 1994. p. 41-67.
- DARDOT, P. & LAVAL, C. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DARDOT, P. & LAVAL, C. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREDERICO, C. Debord: do espetáculo ao simulacro. *MATRIZES* Ano 4 – Nº 1 jul./dez. 2010a, p. 179-191.
- FREDERICO, C. Guy Debord: um novo capítulo na história do fetichismo. In: TEIXEIRA, Francisco; FREDERICO, Celso (Orgs.). *Marx, Weber e o Marxismo Weberiano*. São Paulo: Cortez Editora, 2010b, p.212-250.
- GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Contribuição para uma definição situacionista de jogo. In: BERENSTEIN, Jacques P. (Org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 61-63.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Perspectivas de modificações conscientes na vida cotidiana. In: BERENSTEIN, Jacques P. (Org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, 143-152.
- JAY, M. *Downcast eyes: the denigration of vision in twentieth-century french thought*. Berkeley: University of California Press, 1994.
- KELLNER, D. Guy Debord, Donald Trump, and the politics of the spectacle. In: BRIZIARELLI, M.; EMILIANA, A. (Eds.). *The spectacle 2.0: reading Debord in the context of digital capitalism*. London: University of Westminster Press, 2017, p. 1-14.

LAVAL, C. Foucault, Bourdieu y la cuestión neoliberal. Barcelona: Gedisa Editorial, 2020. (Ebook Kindle)

MOROZOV, E. Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

RÜDIGER, F. Guy Debord e a teoria crítica: trajetória, atualidade e perspectivas. In: GUTFREIND, Cristiane F.; MACHADO DA SILVA, Juremir (Orgs.). Guy Debord: antes e depois do espetáculo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p.149-171.

Sobre o(a) autor(a)

Cláudio Novaes Pinto Coelho é coordenador do Núcleo de Estudos Críticos da Contemporaneidade (NECC). Foi docente da Faculdade Cásper Líbero e da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. É Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: claudionpcoelho@uol.com.br.

Vera Chaia é Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), Livre-docente pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde é coordenadora e pesquisadora do Neamp (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, do CNPq e da FAPESP. E-mail: vmchaia@pucsp.br.

Data de submissão: 06/10/2021

Data de aprovação: 26/01/2023